Bibliografia de Benedito Nunes*

1) Livros de Benedito Nunes

O mundo de Clarice Lispector. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.

A filosofia contemporânea: trajetos iniciais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967. (Coleção Buriti, vol. 18); 3ª ed. revista e ampliada, São Paulo: Ática, 1991 (Série Fundamentos, 79); Edição revista e atualizada. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2004.

Introdução à Filosofia da Arte. São Paulo: DESA, 1967 (Coleção Buriti, vol.7); 5ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

O Dorso do Tigre. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Coleção Debates, vol.17); 2ª ed., 1976.; 3ªed. São Paulo: Ed.34 (no prelo)

João Cabral de Mello Neto. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. (Coleção Poetas Modernos do Brasil, vol. 1); 2ªed., 1974.

Leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Quiron, 1973. (Coleção escritores de hoje)

Oswald Canibal. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Coleção Elos, 26)

O tempo na narrativa. São Paulo: Ática, 1988. 2ª ed., 1995.

O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989. 2ª ed., 1995.

Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986. (Ensaios, 122); 2ª ed., 1992.

No tempo do niilismo e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1993. (Série Temas, 35)

O crivo de papel. São Paulo: Ática, 1998 (Série Temas, vol. 67. Literatura e Filosofia); 3ª ed., 1999.

* Organizada por Victor Sales Pinheiro

Hermenêutica e poesia: o pensamento poético. Organização e apresentação Maria José Campos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

O Nietzsche de Heidegger. Prefácio Ernani Chaves. São Paulo: Pazulin, 2000. (Coleção Ágora)

Dois ensaios e duas lembranças. Belém: SECULT/UNAMA, 2000.

Heidegger e Ser e Tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Crônica de duas cidades: Belém e Manaus. (Com Milton Hatoum). Prefácio Aldrin Moura de Figueiredo. Belém: SECULT, 2006.

João Cabral: a máquina do poema. Organização e prefácio de Adalberto Müller Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007. (Coleção Letras e Ideias)

A Clave do poético. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Cia das letras. (no prelo)

Modernismo, Estética e Cultura. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Ed. 34. (no prelo)

Ensaios Filosóficos. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes. (no prelo)

Heidegger. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes. (no prelo)

Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (no prelo)

Guimarães Rosa: literatura e filosofia. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro.

Fernando Pessoa: poeta metafísico. Organização e apresentação Victor Sales Pinheiro.

2) Livros organizados por Benedito Nunes:

FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Organização Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

BRITO, Farias. *Trechos escolhidos*. Organização Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1967. (Coleção Nossos Clássicos, vol. 92)

FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. Organização Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FAUSTINO, Mário. *Poesia completa. Poesia traduzida*. Organização Benedito Nunes. São Paulo: Max Limonad, 1985.

FAUSTINO, Mário. *Evolução da poesia brasileira*. Organização Benedito Nunes Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

NUNES, Benedito (org.) *A crise do pensamento*. Belém: Ed.UFPA, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H*. Edição crítica organizada por Benedito Nunes. Paris, Association Archives; Brasília, CNPQ, 1998.

NUNES, Benedito (org.) *O amigo Chico fazedor de poetas*. Belém: SECULT, 2001.

NUNES, Benedito; PERREIRA, Soraya R.R.; PERREIRA, Ruy P. (org.) *Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia.* (organização com Soraya R.R. Perreira e Ruy P. Perreira) Literatura e Memória. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa / Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

3) Ensaios constantes dos livros de Benedito Nunes:

O mundo de Clarice Lispector (Governo do Estado do Amazonas, 1966):

A Náusea
A experiência mística de G.H.
A estrutura dos personagens
A existência absurda
Linguagem e silêncio

O dorso do Tigre (Perspectiva, 1969; Ed.34, 2009):

De Consolatione Philosophie
A Superação da Filosofia
Das Utopias
O Processo da Filosofia
A Destruição da Estética
Arqueologia da Arqueologia
Os Círculos de Heidegger
A Náusea
A experiência mística de G.H.
A estrutura dos personagens
A existência absurda
Linguagem e silêncio
O Amor na Obra de Guimarães Rosa
A Viagem
A Viagem do Grivo
Guimarães Rosa e Tradução
Tutaméia
Os outros de Fernando Pessoa
Paradoxo e Verdade
O Ocultismo na Poesia de Fernando Pessoa
A Prosa de Fernando Pessoa
A Máquina do Poema

Oswald Canibal (Perspectiva, 1979)

Antropofagia e Vanguarda – Acerca do Canibalismo Literário
Homem de muita fé
O Retorno à Antropofagia
A Crise da Filosofia Messiânica
A Marcha das Utopias

No tempo do niilismo e outros ensaios (Ática, 1993)

No tempo do niilismo
Variações de um tema: o nazismo de Heidegger
O mito Jean-Paul Sartre (necrológio)
A estética e o saber moderno, ou os paradoxos da estética
Fenomenologia e experiência estética
Fragmentos da modernidade
Hermenêutica e poesia
Filosofia e tragédia: labirintos
O universo filosófico e ideológico do barroco
Machado de Assis e a filosofia
Filosofia e Revolução Francesa
Introdução à crise da cultura
Filosofia e literatura

Crivo de papel (Ática, 1998)

Aspecto teológico da Filosofia
O último Deus
Do primeiro ao último começo
Sócrates construtor
Música, Filosofia e Literatura
Poética do pensamento
Conceitos fundamentais da Metafísica
Tempo e história: introdução à crise
A Filosofia e o Milênio
Ética e leitura
As duas introduções à Crítica do juízo
Ética e finitude
Historiografia literária do Brasil
De Sagarana a Grande Sertão: Veredas
Aceitação da noite

Dois ensaios e duas lembranças (SECULT/UNAMA, 2000)

Um capítulo de arqueologia religiosa
O fazer filosófico ou oralidade e escrita em Filosofia
Meu amigo Mário
Dona Clarice

João Cabral: a máquina do poema[1] (org. Adalberto Müller, EDUNB, 2007)

João Cabral: filosofia e poesia
A 'geração de 45' e João Cabral

Modernismo, Estética e Cultura (org. Victor Sales Pinheiro, Ed.34 – no prelo)

Antropofagia e Vanguarda – Acerca do Canibalismo Literário

1 Além dos dois ensaios mencionados, este livro inclui, com modificações, a segunda edição do livro *João Cabral de Melo Neto*, publicado pela Editora Vozes, em 1974.

Homem de muita fé
O Retorno à Antropofagia
A Crise da Filosofia Messiânica
A Marcha das Utopias
Antropofagia ao alcance de todos
Estética e correntes do modernismo
O modernismo na história das vanguardas
Vertentes [sobre o carnaval]
Utopia e pensamento utópico
Anthropophagisme et surréalisme
O riso modernista
Ponta de Lança
Appolinaire, Cendras e Oswald
A metáfora lancinante
À margem de uma lembrança
Antropologia e Antropofagia
O Pensamento Estético no Brasil
Estética e correntes do modernismo
O moderno da Arte Moderna
Diretrizes da Filosofia do Renascimento
O mundo de cabeça para baixo
Triunfo Barroco
A Visão Romântica
Novas Tecnologias da comunicação e a cultura
Um conceito de cultura
Educação Artística e Filosofia da Arte
Universidade e Regionalismo
O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura.
Um capítulo de arqueologia religiosa
Vertentes (Deus, deuses)
Vertentes [crise e filosofia]

A Clave do Poético (org. Victor Sales Pinheiro, Cia das Letras – no prelo)

Meu Caminho na Crítica
Crítica literária no Brasil, ontem e hoje
Ocaso da literatura ou falência da crítica?
Conceito de forma e estrutura literária
O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na literatura
Prolegômenos a uma crítica da razão estética
Reflexões sobre o moderno romance brasileiro
A recente poesia brasileira
Trinta anos depois
O que está acontecendo com a literatura brasileira hoje (entrevista concedida à Clarice Lispector)
A paixão de Clarice Lispector
A escrita da paixão

Drummond: poeta anglo-francês
Carlos Drummond: a morte absoluta
Os tristes, brutos índios de Vieira, ou um missionário aturdido
A Invenção Machadiana
A cidade sagrada
Volta ao Mito na ficção brasileira
Encontro em Austin
O jogo da poesia
Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco
Max Martins, Mestre-Aprendiz
A poesia de meu amigo Mário
A poesia confluente
A Gnose de Rilke
Que isto de método...
Fábula e Biografia de Don Quixote e Sancho Pança

Ensaios Filosóficos (org. Victor Sales Pinheiro, Martins Fontes – no prelo)

Poesia e Filosofia: uma transa
Filosofia e Memória
O fazer filosófico ou oralidade e escrita em Filosofia
Casa, praça, jardim e quintal
Introdução à República de Platão
A convergência política do ethos
Andarilho do conhecer
Vertentes
Atualidade da estética de Hegel
A morte da arte em Hegel
Por que ler Hegel, hoje
A crítica da razão dialética
Les sequestres d´Altona
Do romance à razão dialética
Nós somos um diálogo
Pluralismo e teoria social
À margem do estruturalismo
Gênese e estrutura
A Voz Inaudível de Deus

Heidegger (org. Victor Sales Pinheiro, Martins Fontes – no prelo)

A trajetória de Heidegger
Por que ler Heidegger, hoje?
A tradução de Dasein
História e ontologia (da essência da técnica)
Heidegger e Sartre: em torno da história
Experiências do tempo
O Nietzsche de Heidegger

Heidegger e Aristóteles
Physis, Natura – Heidegger e Merleau-Ponty
A questão do outro em Heidegger
Heidegger e a poesia
Hermenêutica e Poesia
Poética do pensamento

Do Marajó ao arquivo: um breve panorama da cultura no Pará (org. Victor Sales Pinheiro, EDUFPA– no prelo)

Da caneta ao computador, ou entre filosofia e literatura
Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)
Cultura e regionalismo
Luzes e sombras do iluminismo paraense (co-autoria Aldrin Moura de Figueiredo)
O Império da História
Pará capital Belém
O multicentrismo na poesia de Bruno de Menezes
Max Martins, Mestre-Aprendiz
O nativismo de Paes Loureiro
O anjo e a linha
Apresentação à Antilogia, de (Ruy Barata
A obra poética e a crítica de Mário Faustino
Introdução à 'Poesia-Experiência'
O 'fragmento' da
Paulo Plínio Abreu
O Jogo Marcado, apresentação de "A Fala entre Parêntesis", de Age de Carvalho e Max-Martins
Orelha de "Arquitetura de Ossos", de Age de Carvalho
Sobre "Caveira 41", de Age de Carvalho
Sobre "A Asa e a Serpente" e "Os animais da Terra", de Vicente Cecim
Orelha de "Ó, serdespanto", de Vicente Cecim
O drama cósmico (apresentação de "Hong Kong & outros poemas", de Antonio Moura)
Sobre "Vazio por trás da estrela", de Antonio Moura
Apresentação de livro "E todas as orquestrar acenderam a lua", de Lilia Chaves
Apresentação de "Infância Vegetal", de Paulo Vieira
Apresentação de "Mulher com o seu amante", de Stella Pessoa
Meus poemas favoritos de ontem e hoje
Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco
Haroldo Maranhão: uma microscopia da poesia (resenha de "Vôo de Galinha")
Recensão crítica a "O Tetraneto del-Rei", de Haroldo Maranhão
Orelha do livro "O Nariz Curvo", de Haroldo Maranhão
Prefácio do livro "Pará, capital: Belém. Memória & pessoas & coisas & loisas da cidade", de Haroldo Maranhão
História e Ficção

Orelha de O tetraneto Del-rei, de Haroldo Maranhão
Orelha de Memorial do fim, de Haroldo Maranhão
Recensão crítica a "Verde Vagomundo", de Benedito Monteiro
Sobre "O Carro dos Milagres", de Benedito Monteiro
Amazônia reinventada
Sobre o artista plástico Rohit
Sobre a artista plástica Dina Oliveira
Sobre o artista plástico Geraldo Correa
Nota crítica à Obra Reunida de Eidorfe Moreira
Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária
À margem do livro, apresentação de "A casa e suas raízes. Ensaios em economia, ecologia e ecomenia", de Armando Dias Mendes
Apresentação de "Uma outra 'invenção' da Amazônia. Religiões, histórias e identidades.", de Raymundo Heraldo Maués
Apresentação do livro "Foucault e a Psicanálise", de Ernani Chaves
Apresentação do livro "A utopia política positivista e outros ensaios", de José Carlos Castro
Inventário e planejamento
Anuário de poesia no Pará, 1961
Panorama Cultural: 1959
Um capítulo de arqueologia amazônica
Um novo retrato
Uma concepção geográfica da vida
Belém do Pará
Crônica de uma academia
Nossos encontros
Eu e Haroldo
Recordando Max Boudin
Dois mestres e uma só lembrança
Apresentação de 'Saudades de minha aldeia", de Fernando Mariano Rodrigues
Infortúnio e fortuna da poesia de Carlos Drummond de Andrade em Belém
Discurso pronunciado na sessão comemorativa do quinto aniversário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Pará. (1960)
Quase um plano de aula – discurso pronunciado no recebimento do título de professor emérito da UFPA (1998)
Discurso pronunciado na sessão comemorativa dos 40 do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (2005)
Discurso pronunciado na sessão de concessão do título "Doutor honoris causae" a Max Martins
Um roteiro dos livros de um sábio paraense (Entrevista concedida ao jornalista Lucio Flávio Pinto)
Benedito Nunes ensina o caminho de volta (Entrevista concedida ao jornalista José Castello)

Guimarães Rosa: literatura e filosofia (org. Victor Sales Pinheiro)

O Amor na Obra de Guimarães Rosa
A Viagem
A Viagem do Grivo
Guimarães Rosa e a tradução
Tutaméia
A rosa que é de Rosa
Guimarães Rosa em Novembro
Literatura e Filosofia (Grande Sertão: veredas)
Grande Sertão: Veredas. Uma abordagem filosófica. A figura da Narração ou as ciladas do tempo no romance de Guimarães Rosa.
A matéria vertente
Guimarães Rosa quase de cor: rememorações filosóficas e literárias
Bichos, plantas e malucos no sertão roseano
De Sagarana a Grande Sertão: Veredas
O mito em Grande Sertão: Veredas

Fernando Pessoa: poeta metafísico (org. Victor Sales Pinheiro)

Os Outros de Fernando Pessoa
Paradoxo e Verdade
O Ocultismo na Poesia de Fernando Pessoa
A Prosa de Fernando Pessoa
Personimagem
Poesia e Filosofia na obra de Fernando Pessoa
A metafísica engraçada
Fernando Pessoa: poeta metafísico
Psicologia da Criação
Páginas Íntimas de Fernando Pessoa
Textos filosóficos de Fernando Pessoa
Anarquismo Intelectual
O último Deus

4) Principais colaborações em livros nacionais

NUNES, Benedito. *Considerações sobre a redução Sociológica de Guerrero Ramos*. In: *A Redução Sociológica* (em apêndice II). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961, p.200-210.

_____. *Antropofagia ao alcance de todos*. In: ANDRADE, Oswald de. *Do Pau Brasil à Antropofagia e Utopias*. Obras Completas, vol. VI. São Paulo: Perspectiva: 1973, p.39-53.

_____. *Estética e correntes do Modernismo*. In: Ávila, Affonso (org.). *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p.39-53.

_____. *O pensamento estético no Brasil*. In: CRIPPA, Adolfo (coord.) *As idéias filosóficas no Brasil* – parte II. São Paulo: Convívio, 1978, p.85-142.

_____. *A visão romântica*. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva: 1978, p.1-42.

_____. *Diretrizes da Filosofia no Renascimento*. In: FRANCO, Afonso Arinos de Melo e outros. *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Agir, Museu Nacional de Belas Artes, 1978, p.1-36.

_____. *Literatura e filosofia*. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas fontes*. vol.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.188-207.

_____. *Reflexões sobre o moderno romance brasileiro*. In: *Ensaios da Bienal Nestlé de Literatura*. São Paulo: 1983.

_____. *O trabalho da interpretação e a figura do intérprete na literatura*. In: PROENÇA FILHO, Domício (org). *Literatura Brasileira – ensaios, criação, interpretação e leitura do texto literário*. Vol.II. São Paulo, Norte, 1986, p.73-80.

_____ . *A Paixão de Clarice Lispector*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras/Funarte, 1987, p.269-81.

_____. *Comentário à exposição "Pluralismo e Teoria Social", de Luiz Felipe Baeta Neves*. In: *A Interpretação ¾ 2º* Colóquio/UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.77-99.

_____. *Tempo*. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.343-366.

_____. *Experiências do tempo*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.131-140.

_____. *Trinta anos depois*. In: *30 anos – Semana Nacional de Poesia de Vanguarda – 1963/1993*. Prefeitura de Belo Horizonte/Secretaria Municipal de Cultura. Belo Horizonte, 1993.

_____. *A morte da arte em Hegel*. In: DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Anais do Colóquio Nacional "Morte da arte, hoje"*. Belo Horizonte: Laboratório de Estética da FAFICH/UFMG, 1993, p.9-33.

_____. *O tempo dividido: Cosmos e História*. In: NUNES, Benedito (org.). *A crise do pensamento: ciclo de preleções*. Belém: UFPA/Núcleo de Arte Fundação Rômulo Maiorana, 1994, p.123-154.

_____. *O amor na obra de Guimarães Rosa*. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.1, p.112-141.

_____. *Poética do pensamento*. In: NOVAES, Adauto. *Artepensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.389-409.

_____. *O "fragmento" da juventude*. In: BOSI, Alfredo (org.). *Leituras de poesia*. São Paulo: Ática, 1996, p.171-190.

_____. *A poesia de meu amigo Mário*. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). *Mário Faustino – O homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.45-66.

_____. A narração desarvorada. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, p.292-301.

_____. A poesia confluente [*Eliot*]. In: NOVAES, Adauto (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.269-89.

_____. *Meu caminho na Crítica*. In: *Estudos Avançados*, vol.19, n°55, setembro-dezembro de 2005, p.289-305.

_____. *Guimarães Rosa quase de cor: rememorações filosóficas e literárias*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira – Guimarães Rosa*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2006. pp. 236-244.

_____. *Bichos, plantas e malucos no sertão roseano*. In: SECCHIN, A. C. e outros (org.) *Veredas no sertão roseano*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. pp. 19-28.

_____. *Universidade e Regionalismo* In: MERONI, Fabrizio (org.) *As cidades, as culturas e seus desafios: o CCFC e a Amazônia*. Bauru, SP: EDUSC, 2008. pp.255-265.

5) Principais publicações em livros e revistas estrangeiras

Consideraciones sobre la reduccion Sociológica. In: *La reduccion Sociológica*. RAMOS, Guerrero. 1. ed., n. 5, Universidade Nacional Autonoma do México, 1959.

Literatura Moderna no Brasil. In: *Revista di Filosofia e di Cultura, Aut-Aut*. Laupugnani Nigri Editore, Milão, Itália, 1967.

La Marcha de Las Utopias. In: *Revista de Cultura Brasileira*. Madrid (26), p. 271-277, setembro, 1968.

Aspetti della prosa brasiliana conteporanea. Em: *Revista di Filosofia e di Cultura Aut Aut*. Milão: Lampugnani Nigri Editore. N.109-110. Jan-Mar. 1969.

A Rosa o que é de Rosa. In: *Etc*. Lisboa, Portugal, 26 de janeiro de 1969, p. 1-8.

Tutaméia. In: *Revista de Letras*. Porto Rico, p.304-310, junho, 1969.

Os outros de Fernando Pessoa. In: *Bulletin de l´Institute d´Études Portugaises et brésiliennes de la Sorbonne*. Paris, França, p.335-338, 1970.

Poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa. In: *Colóquio/Letras*. Lisboa, Portugal, nº 20, julho, 1974.

Grande Sertão: Veredas, uma abordagem filosófica – A figura da narração ou as ciladas do tempo no romance de Guimarães Rosa. Em: *Bulletin dês Études Portuguaises et Brésiliennes*. Paris: ADPF, 1983-1985.

Anthropophagisme et surréalisme. Em: SOBRAL, Luis de Moura. *Surréalisme périphérique*. Atas do colóquio – *Portugal, Québec, Amérique Latine: um surréalism périphérique?*. Montreal: Universidade de Montreal, 1984.

Clarice Lispector Passion. Em: STRAUSFELD, M. (org.). *Brasilianishce Literatur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 1984.

Introdução e nota filológica. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H*. Edição crítica organizada por Benedito Nunes. Paris, Association Archives […]; Brasília: CNPQ, 1988. (p. XXIV-XXXVIII).

Antropologia e Antropofagia. Em: JACKSON, K David. (org.) *One Hundred Years of Invention: Oswald de Andrade and the Modern Tradition in Latin American Literature*. Austin: University of Texas at Austin. 1990.

The literary historiography of Brazil. Em: ECHEVERRÍA, Roberto González; PUPO-WALKER, Enrique. *The Cambridge History of Latin American Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. v.3.

La pasión de Clarice Lispector. In: Revista *Anthropos* – Clarice Lispector, La escritura del cuerpo y el silencio. Barcelona: Ecce homo, Extraordinario 2, 12 de julio de 1997.

O retorno à antropofagia. Em: ROCHA, Joao Cezar de Castro; RUFFINELLI, Jorge (orgs.) *Anthropofagy Today?* Stanford: Stanford University Press, 2000.
Belém, cultural Center. Em: *Literary cultures of Latin American, A comparative history II*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

6) Traduções
Crônica/Chronique de PERSE, Saint-John. Tradução Benedito Nunes e Michel Riaudel. Belém: CEJUP, 1992.
Poema *Baudelaire*, de Rilke. In: *Suplemento Belo Horizonte*. Belo Horizonte, julho de 1995, Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais. n° 3, p.24.

5) Trabalhos acadêmicos sobre a obra de Benedito Nunes
CASTRO, José Guilherme de Oliveira. *Alguns aspectos da crítica literária de Benedito Nunes*. Dissertação de mestrado. PUC/RS, 1976.

MONTEIRO, Maria Neuza. *A filosofia da arte para Benedito Nunes*. Dissertação de mestrado. PUC/RJ, 1978.

PEREIRA, Nilo Carlos. *Filosofia e ficção: o ser em o Drama da Linguagem, de Benedito Nunes*. Dissertação de mestrado. UFSC/SC, 2003.

OLIVEIRA, Fátima Aparecida Chaguri. *Perspectivas e possibilidades de aproximação da filosofia e literatura no pensamento de Benedito Nunes*. Dissertação de mestrado. UNICAMP/SP, 2003.

ANDRADE, Andréa Costa de. *Diálogos filosóficos com Benedito Nunes*. Dissertação de mestrado. UFAM/AM, 2006.

TARRICONE, Jucimara. *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. Tese de doutorado. USP/SP, 2007.

NASCIMENTO, Maria de Fátima. *O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira*. Doutorado em curso. UNICAMP/SP.

Nota biográfica*

Benedito José Vianna da Costa Nunes, filho único de Benedito da Costa Nunes e Maria de Belém Viana da Costa Nunes, nasceu no dia 21 de novembro de 1929, em Belém, no Pará, onde até hoje vive ao lado da esposa Maria Sylvia Nunes. Seu curso primário foi na escola *Sagrado Coração de Jesus,* dirigido pela sua tia, a professora Theodora Vianna. Estudou no Colégio Moderno, entre 1940 e 1947, e na Faculdade de Direito do Pará, graduando-se em 1952.

Entre 1949 e 1960, lecionou Filosofia e História em diversos colégios de Belém. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, onde ensinou História da Filosofia e Ética, de 1954 e 1960. Em 1961, foi contratado pela Universidade Federal do Pará, onde se tornou professor titular em 1966. Foi o autor do projeto de criação do Curso de Filosofia na mesma universidade, em 1975. Aposentou-se em 1992. Em 1998, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Pará.

Começou a escrever e publicar desde os 14 anos. Em Belém, colaborou para o Suplemento Literário do jornal *A Folha do Norte* (entre 1946 e 1951) e para o Suplemento Artes e Letras do jornal *A Província do Pará* (entre 1956 e 1957); dirigiu as revistas literárias *Encontro* (1948) e *Norte* (1952). No âmbito nacional, colaborou com ensaios de filosofia e crítica literária para os seguintes jornais: *Jornal do Brasil* (entre 1956 e 1961), *Estado de São Paulo* (entre 1959 e 1982), *Estado de Minas Gerais* (entre 1963 e 1974) e *Folha de São Paulo* (entre 1971 e 2006). Colaborou também para inúmeras revistas acadêmicas, principalmente para a portuguesa *Colóquio Letras* (entre 1971 e 2000).

Em 1957, ao lado da esposa Maria Sylvia Nunes e da cunhada Angelita Silva, criou e dirigiu o Norte Teatro Escola do Pará. Em 1963, deste grupo de teatro amador resulta a Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará.

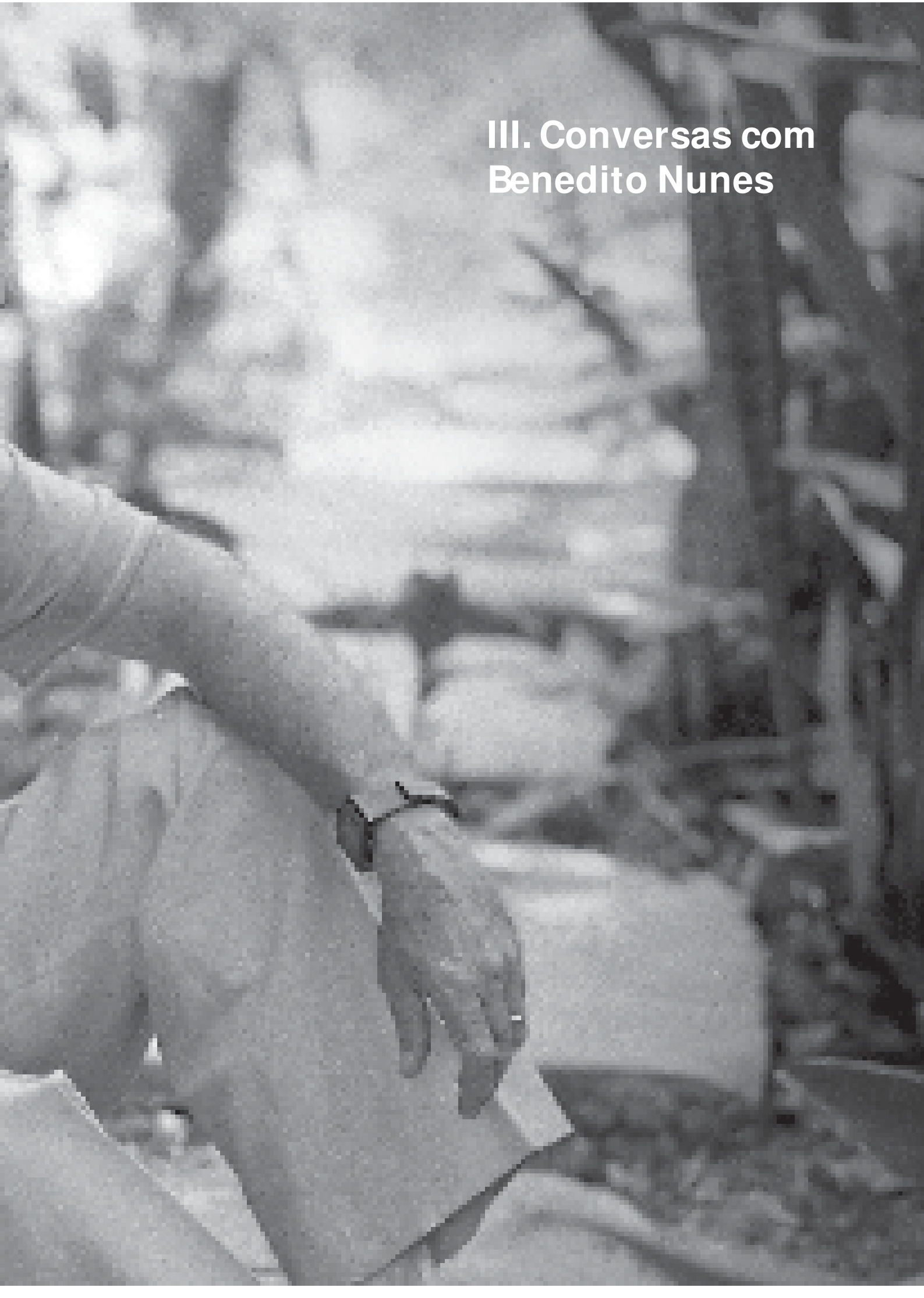
Em 1960, frequentou cursos de Paul Ricoeur e Merleau-Ponty no *Collége de France*, em Paris. Entre 1967 e 1969, realizou pós-graduação (terceiro ciclo), pesquisando o modernismo brasileiro, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne, em Paris, sob a orientação do professor Leon Bourdon.

Como professor convidado, ministrou cursos e conferências em diversas universidades brasileiras (USP, UNICAMP, PUC/SP, UERJ, UFRJ, PUC/RJ, UNB, UFMG, UFPE, UFPB, UFC, PUC/RS, UFRGS), e estrangeiras (Rennes, Porto, Austin, Vanderbilt, Berkley, Stanford, Yale, Montreal).

Em 1987, ganhou o prêmio Jabuti de Literatura, da Câmara Brasileira do Livro, pela obra *Passagem para o poético: poesia e filosofia em Heidegger*. Outras distinções culturais: Prêmio Multicultural Estadão (1998), Prêmio Ministério da Cultura/ FUNARTE (1999), Comenda Ordem do Cruzeiro do Sul do Ministério das Relações Exteriores (2003), Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, Atualmente, Benedito Nunes ministra cursos de conferências de literatura e filosofia, no Centro de Cultura e Formação Cristã (CCFC), em Belém, sem prejuízo de palestras em outras cidades do Brasil.

* Organizada por Victor Sales Pinheiro

Foto: Luiz Braga



III. Conversas com Benedito Nunes

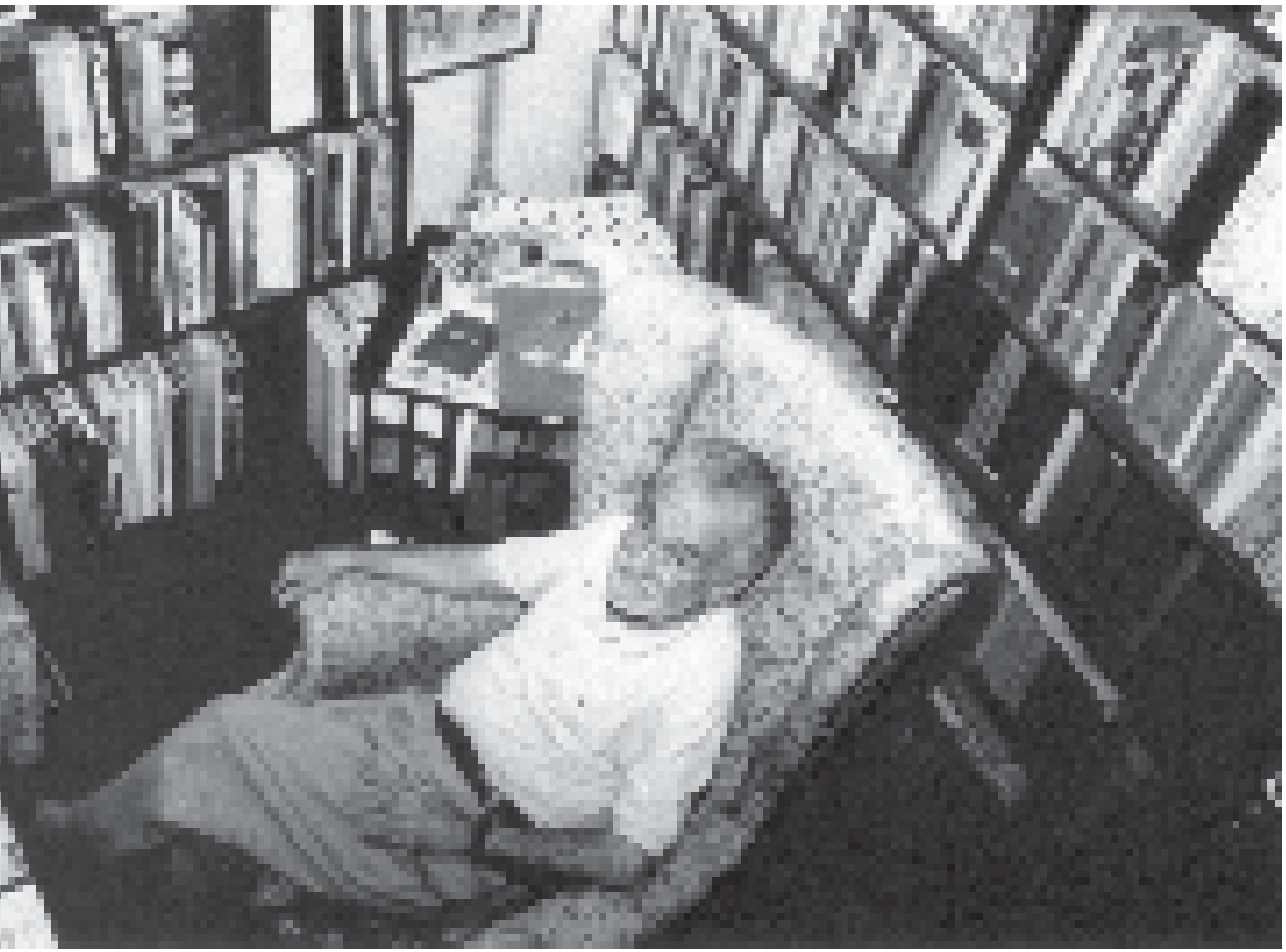


Foto: Elza Lima

O roteiro dos livros de um sábio paraense*

Lúcio Flávio Pinto

Os livros continuam sendo uma forma indispensável de conhecimento, ainda a melhor. É uma fonte de prazeres insuspeitados pelos que, nariz empinado e desdém ensaiado, desprezam-nos, em referência aos ícones do futuro, os aparelhos eletrônicos de armazenamento de informações. Numa de suas muitas pesquisas, Bruno Bettelheim notou crianças que reconstituíam as histórias de livros infantis por suas belas ilustrações. O enredo estava substancialmente ali, mas não o prazer do texto, a voragem da narrativa, o mistério da história. A visualização, nesses casos, é um complemento - fundamental, é claro, mas complemento. Quem lê viaja, recria, revoluciona - e quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê, como insiste a propaganda inconvincente dos livreiros.

Os jovens são os menos convencidos, os mais inconvencidos, para emprestar uma expressão que Lewis Carrol assinaria, o Carrol da muito vista *Alice no país das maravilhas,* em tela cinematográfica, raramente lida no texto deslumbrante. Mais do que os jovens em geral, os que chegam agora à Universidade, vitoriosos nesse decatalo chamado de vestibular, têm seus motivos para desconfiar dos *in folios*. Foram treinados para o reflexo condicionado do xis, das quadrículas em branco, da resposta por impulso elétrico, não por reflexão, não pela ruminância do pensar, que faz as delícias de quem pensa. Livro, além de dar cultura, dá prazer, um prazer tão deslocado desses *fanzines* modernos que faz, de quem é capaz de apreciá-lo, membro de uma confraria secreta. Os que gostam de livros de verdade, entretanto, não querem ser únicos. Querem é alargar as fronteiras desse prazer pessoal, estendê-lo ao maior número possível de pessoas.

Eis a razão deste pequeno livro que a Universidade Federal do Pará aceitou editar. Será fácil de ler, mas quem lê-lo talvez tenha uma sensação semelhante à que tive quando, depois de ter passado pelo "Nome da Rosa", li o diário mínimo que Umberto Eco, escreveu à margem do romance medieval. O menor era o melhor, contingência compulsória para os que não querem ser apenas "mais um".

Benedito Nunes dá aos calouros que chegam à Universidade a possibilidade, por essa apurada seleção de livros, de se tornarem acadêmicos sem segundos sentidos, depreciativos. Teoricamente, ao campus protegido pelo muro universitário chegaram os melhores. Na realidade, na relação com este inventário de leituras é que será medida a qualidade desse título. Títulos é fácil ganhar, ou comprar. Conquistar é outra coisa.

O que Benedito Nunes pretendeu, ao responder ao questionário que lhe fiz, foi prevenir-nos contra o triste fim profetizado por Ray Bradbury para uma sociedade sem livros, inculta e feia, triste e vazia. Quem receber este livrinho precioso poderá, ao sair da Universidade, medir seu grau de civilidade, no melhor e imorredouro significado que os greco-romanos lhe deram, pelos livros desta seleção que tiveram lido, não como se tivessem baixado um taxímetro sobre sua mente, mas como se a elevassem ao nível realmente humano da nossa vida: o da dúvida que questiona e da busca que responde.

Alguns sábios foram sábios sem terem lido muitos livros, como Kant, cuja biblioteca abrigava apenas uns 300 exemplares, pequena mesmo para os

* Entrevista concedida ao jornalista Lúcio Flávio Pinto, que escreveu a apresentação, publicada no jornal A Província do Pará, Segundo Caderno, 16/05/1991. Republicação: Belém: Editora da Universidade Federal do Pará. Incluído em NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquivo: um breve panorama da cultura no Pará*. Organização Victor Sales Pinheiro. Belém: EdUFPA. (no prelo)

padrões da época. Mas leram para valer e não como atletas de orelhas de livro, espécime de larga difusão no mercado. Benedito José Viana da Costa Nunes, o Bené da Rua Estrela, é desses sábios que leram muito e lêem bem. Talvez nenhum paraense tenha lido tanto quanto ele, não para guardar para si o que aprendeu. Na acolhedora casa que abriga Bené, Maria Silvia, Angelita, um *beagle* que já teve seu retrato publicado no prestigioso "Jornal do Brasil", e gatos variados, sempre há um lugar para um amigo não anunciado que, bem acomodado, em algumas dezenas de minutos aprenderá mais com a prosa endiabrada do Bené, os comentários apropriados de Maria Silvia e as pontuações refinadas de Angelita do que em anos em bancos escolares. Bené sabe porque sabe. Não precisa demonstrar, nem esbanjar. É um sábio de quilometragem *in folios* insuperável. Cabe-lhe um título que tem se desgastado na aplicação sem mérito: é mestre.

O depoimento que Benedito Nunes me deu, provocado por um rústico questionário, é a melhor bibliografia que um jornal brasileiro provavelmente já publicou. Deveria sair no "Bandeira 3", abrindo uma série que ficou apenas na protofonia porque o jornal morreu no número zero, antes de chegar ao número um. Mas sai em A Província do Pará, engrandecendo o jornal e despejando sobre cada um de nós réstias de luz geradas na central de conhecimentos que Bené carrega na cabeça, democraticamente acessível aos que querem saber mais. A nostalgia do mestre que ele diz ter, autodidata confesso, nós não temos. Afinal, Benedito Nunes é nosso grande mestre.

A desenvoltura de Benedito na análise da filosofia do alemão Heidegger transfere-se para a prosa poética de Guimarães Rosa e se estende à música, erudita ou popular, sem perder em profundidade e graça, características que geralmente se excluem nos intelectuais brasileiros, às vezes sérios, mas cacetes, enfadonhos. Bené cresceu entre livros, que lhe ficaram como o diálogo que nunca teve com o pai, falecido muito cedo. O livro é o seu paraíso e por isso não precisa de fichas para lembrar o que o acompanha, um catálogo na memória. É um privilégio tê-lo a mão numa cidade que cresceu fechando livrarias e abrindo locadoras de vídeos, forma mais sofisticada e inodora de cumprir a gélida profecia de Ray Bradbury no "Farenheit 451". Se depender de Benedito Nunes, sábio, o melhor de todos nós, esta será sempre apenas uma ameaça.

Qual o primeiro livro que se lembra de ter lido?

Dizem que aprendi a ler com quatro anos de idade. Mas com certeza minha primeira leitura deu-se um pouco mais tarde. O livro foi-me presenteado por um mendigo já idoso, barba branca, que às quartas-feiras, pela manhã, vinha buscar sua esmola certa que lhe proporcionavam minhas tias. Achavam-no parecido com a tradicional imagem de São José Carpinteiro, reverenciado no oratório da catolicíssima família. Nesse dia, depois de sentar-se na escada de madeira no vestíbulo da casa, como costumava fazer, o velho retirou de sua tosca sacola um pequeno livro, capa dura, de cor esverdeada, visivelmente restaurado, conforme denunciava a tira de pano grudada à lombada: *A Caçada da Onça*, de Monteiro Lobato. Era para o menino da casa. Mas só pude folhear o volume após o tratamento profilático a álcool a que o submeteram as tias prudentes, receosas dos possíveis

germes escondidos entre as páginas. Lembro-me ainda da gravura central sobre duas dessas páginas abertas: os heróicos caçadores do sítio do Pica Pau Amarelo, Pedrinho à frente, rebocando a onça já morta.

Qual o primeiro livro que lhe causou grande impacto?

O primeiro de impacto, que me precipitou num mundo estranho de nomes ressoando diferentemente dos comuns, de seres extraordinários, de imagens mentais pregnantes, duradouras, foi a *Odisseia* de Homero, publicado pela Atena Editora de São Paulo, em tradução de meu tio, Carlos Alberto Nunes, num metro longo, inabitual, para imitir o ritmo do original grego.

Os primeiros livros que você leu eram de biblioteca da família? Era boa?

Esse tio, fixado em São Paulo, que muito mais tarde traduziria Shakespeare, Goethe, Platão e Virgílio para o português, mandava-me muitos livros, quase todos de presente: *Poesias Completas* de Gonçalves Dias (2 vols., Ed. Garnier), *David Balfour*, de Robert Louis Stevenson, *Os Irmãos Karmazov* e *Os Possessos*, de Dostoievski, *Teatro* de Lope de Veja, *Os Diálogos do Limbo*, de Santayana, e tantos outros, que vieram chegando, ano após ano, por via marítima, em pacotes do Correio - dos pequenos volumes de nietzsche da coleção Tor, em espanhol, como *Genealogia da Moral, O Crepúsculo dos*

Ídolos, O Anti-Cristo, até o encadernados de certo porte, *Guide to Philosophy*, de Joad, O *Retorno do Nativo*, de Thomas Hardy. Mas os primeiros livros, antes desses, e excetuando *Os Argonautas*, de Gustav Schwab, que me mandou um irmão de duas amigas de minhas tias, o Prof. Francisco Paulo do Nascimento Mendes, eram da estante de casa, alta, de madeira amarela envernizada, cinco prateleiras, com discretos ornamentos florais gravados, e um gavetão na parte inferior. Pertencera a meu pai, que não conheci. Estava abarrotada de Machado de Assis, José de Alencar, Eça de Queiroz, Shakespeare em volumes portugueses avulsos da Lelo, capa de pano com a efígie do dramaturgo, Monteiro Lobato para adultos, *Urupês* inclusive, Joaquim Nabuco *(Minha Formação),* Oliveira Viana *(Evolução do Povo Brasileiro, Populações Meridionais do Brasil)*, Lima Barreto quase integral; Taunay, Afrânio Peixoto (o romance *Fruta do Mato*), Dante (*A Divina Comédia*, em tradução do Barão de Vila da Barca) e de outros autores prestigiosos na década de 20, quando foram comprados, como Assis Cintra, Oliveira Lima, Antônio Torres, Mário Pinto Serva e Alberto Torres.Criei-me à sombra dessa estante, seção belenense da biblioteca de família; a outra, que a completava, era de meu tio, em São Paulo.

Alguém orientou-o nas primeiras leituras? Que orientação lhe deu?

Tive e não tive um primeiro orientador. Os livros da estante amarela eram, de qualquer modo, a materialização simbólica da voz paterna suprimida pela morte, que não lhe suprimiu a presença. Ou, se quiserem, a autoridade, para o filho póstumo que fui. Vista a questão desse ângulo, a primeira orientação veio do pai, louvado seja Freud. Mas como os livros estavam ali à minha escolha, gradualmente vencida a resistência materna (havia-os "fortes", perigosos,

anticlericais, etc.), e como jamais me veio dele, do pai, qualquer indicação expressa em sentido contrário, a orientação se fez ao acaso, em parte devido à minha curiosidade, talvez estimulada por aquela resistência, em parte porque, filho único, menino solitário, descobri na leitura o meio de me divertir sozinho. Autodidata nato, sempre fui nostálgico de um mestre. Depois da professora primária, minha tia, tive muitos mestres, sem, até hoje, fixar-me em nenhum. Mas isso é matéria para outra história.

Quero apenas acrescentar que na época de formação, da infância para a juventude, os meus sucessivos mestres também foram amigos, quase sempre muito mais velhos do que eu: Augusto Serra, fundador do Colégio Moderno onde fiz o Ginásio, homem de superior cultura literária e matemática, que me franqueou a Biblioteca do estabelecimento, da qual me veio a revelação dos clássicos franceses e ingleses (Molière, Racine, Corneille, la Buryère, La Rochefoucauld, Swift, Walter Scott); meu primo Ribamar de Moura, inteligência pura e nobre caráter, a quem devo o empurrão definitivo para a Filosofia (ele repartia com os dois irmãos, Silvio e Levy Hall de Moura, a propriedade da *Crítica da Razão Pura*, de Kant, e de *O Mundo como Vontade e Representação*, de Schopenhauer em francês, belos volumes encadernados que freqüentei assiduamente); Cécil Meira, a quem devo o empréstimo de uma versão resumida do *Wilhelm Meister*, de Goethe, e Orlando Bitar (deu-me, antes das *Obras Completas* de Virgílio, uma Eneida traduzida em prosa para o português, que ainda tenho esperança de recuperar das mãos arrependidas daquele que indevidamente a retém). Como esquecer a gravura de Jean Valjean ajudando a pequena Cossete a carregar um balde d'água que parecia bem maior do que ela, na mágica edição gigante ilustrada de *Les Miserables*, de Victor Hugo, que Orlando Bitar, meu professor de latim, no Moderno, não hesitou em confiar aos meus quatorze anos de calças curtas?

Cedo entrei, assim, no circuito bibliográfico infinito, o único verdadeiro moto perpétuo que conheço. Pela leitura de um só livro, pode-se chegar a todos os outros, com tempo e disposição. Quase sempre, os amigos ajudando, obtive, na hora certa, aqueles de que precisava, movido por uma espécie de "faro" ou de "senso frontal", até hoje em pleno funcionamento. Ainda nos tempos do Moderno, socorreu-me Anunciada Chaves, na lista dos mestres-amigos, com o seu suntuoso Daudet (Tartarin de Tarascon) e com alguns volumes de Molière, capa vermelha de pano, cheirando a naftalina, letras douradas na lombada. Artur César Ferreira Reis, meu professor de História das Américas, que deslumbrou nossa turma falando-nos dos aztecas, emprestou-me *Casa Grande & Senzala*. Aos 19 anos, recebi de Paulo Mendes, o Chico Mendes, uma avultada provisão de Goethe, Kierkegaard, Rilke, Kafka, Sartre, Paul-Louis Landsberg, que alentou o sopro do primeiro longo ensaio que escrevi, *A Morte de Ivan Ilicht*, publicado no Suplemento Literário da Folha do Norte, fundado e dirigido por Haroldo Maranhão. Antes, muito antes disso, já se me abrira a grande mina da biblioteca de Haroldo, que crescia nos altos da Folha, acima do lugar onde ficava a do velho Maranhão. Entre nós travara-se uma singular relação de amizade: éramos dois viciados em literatura, que às vezes liam os mesmos livros, e que se exercitavam, ele aos 14 e eu aos 13, imitando *A Barca de Gleire*, de Lobato e

Godofredo Rangel, nos labores da epistolografia: escrevíamos cartas em que resumíamos, um para o outro, s obras lidas durante a semana.

Com quantos anos você comprou o seu primeiro livro? Qual era?

Como os livros minassem ao meu redor, somente aos 14 anos, por incontinência de apetite, comecei a comprar, com o parco dinheiro fornecido pelas tias, a obras custosas da Editora Vecchi, exibida nos balcões da atulhada e simpática Livraria Vitória, de propriedade do Raimundo Saraiva de Freitas, distribuidor de romances em fascículos, última aparição dos *Folhetins* para assinaturas. Ainda guardo as duas primeiras compras: Chamfort, *Caracteres e Anedotas*; Benjamin Franklin, Breviário do *Homem de Bem*, vols. 7 e 8 da Coleção de pequeno formato *Os Grandes Pensadores*.

De seus livros escolares, qual o que marcou ou dele você ainda se lembra?

Dos livros escolares retive na memória a forma e a cor das capas, algumas gravuras e certas frases, principalmente aquelas da *Lição de coisas,* de Felix Pedro Pantoja, que era a Quinta-essência da Física de Aristóteles diluída em catecismo ("Qual a diferença entre objeto natural e objeto artificial? O objeto natural é feito pela mão de Deus, o objeto artificial é feito pela mão do homem"). O mesmo método do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã,* que estudava às quintas-feiras, de tarde, na Igreja da Santíssima Trindade ("Sois Cristão? Sim, sou Cristão. Fazei o sinal da Cruz. Que é ser Cristão?" etc., etc.). Para mim, os melhores livros sempre foram os extra-escolares. Nos anos de instrução religiosa, também rezava pelo catecismo de Dona Benta, porta-voz do pensamento liberal, céptico, altamente político, no sentido da afirmação de uma consciência pública de caráter ético, de Monteiro Lobato: *História do Mundo para Crianças*, *Dom Quixote de La Mancha*, *Robinson Crusoé*, *Robin Hood*. Dom Quixote trazia gravuras de Gustav Doré. Só algumas cenas dos filmes Kurosawa me trouxeram cenas tão comoventes quanto a da imagem de Sancho Pança que, rosto contra focinho, chora, abraçado, num gesto de despedida, ao burro que vai abandonar.

Quantos livros tem atualmente na sua biblioteca? Qual é o "forte" dela? Quais os livros mais valiosos nela existente? Quanto tempo levou para formá-la? Como ela funciona? É aberta à consulta? Quem cuida dela?

Não posso precisar-lhe quantos livros tenho. O último catálogo que tentei organizar data de meus vinte anos.Convencido de que era uma prática sorvedoura de tempo, deixei, desde então, de contabilizar minha biblioteca. Trato dela sozinho, seu forte é Filosofia e Literatura quase em partes iguais. Só uma concessão à burocracia: procuro manter, a duras penas, um registro de empréstimos; saídas não são raras para estudantes e colegas. Algumas, infelizmente, tornam-se atestados de óbito: inúmeras as reposições que tenho feito. Pelo que disse até aqui, já se adivinhou quanto tempo levei para juntar esses livros, que somados aos anos de Maria Sylvia e Angelita, ocupam mais de

quatro compartimentos da casa. Tem a biblioteca mais do que a minha idade, porque surgiu antes de mim. Sou seu funcionário único, e até agora pude controlá-la impecavelmente. É certo que lhe impus uma ordem pessoal; sei onde encontrar cada livro de acordo com o assunto (História da Filosofia, Filosofia da Ciência, Religião, Psicologia, Crítica Literária, Romances Brasileiros, Romances Estrangeiros, Poesia e assim por diante). Não trago a biblioteca na memória. Ela é, de certo modo, a minha memória, feita de perdas, lembranças e recuperações. Gostaria de recuperar alguns dos meus antigos hóspedes, como certas obras da Coleção Terramarear (Mowgli, o menino lobo, Jacala, o crocodilo, de Kipling; *Tarzan, o Rei das Selvas,* de Edgard Rice Burroughs; *Pinochio*, de Colodi) ou a *Poesia de Manuel Bandeira* editada pela Casa do Estudante do Brasil. Não sofro da obsessão de querer renovar o alumbramento da primeira leitura, embora persista a nostalgia da experiência passada. Cada qual tem o paraíso perdido que merece. O meu é livresco. Se fosse rico compraria a Bibliothèque de la Plèiade inteira, todos os volumes da Coleção Budé e dos clássicos Loeb; também colecionaria edições de Shakespeare assim como os novos-ricos colecionam santos barrocos. Mas longe estou do tradicional bibliófilo, com o gosto de edições raras, à busca de obras finamente encadernadas ou de luxo. No entanto, o livro, instrumento de trabalho para riscar e anotar, adquire a meus olhos identidade física, com a sua capa, o cheiro do papel, o formato, a posição da estante. Nesse ponto pareço-me com D. Pedro II, para quem cada livro era um estimulante dos sentidos da vista, do tato e do olfato. Assim é que os guardo na memória, catálogo único, compulsado onde quer que esteja.

Os mais valiosos são os que melhor me servem, me ajudam, me acompanham: *Fragmente der Vorsokratiker*, de Hermann Diels; Kant completo, 13 vols., na Edição de 1921 da Academia de Berlim; Fichte, também completo, em 6 vols., Edição de 1911; Schopenhauer, idem, em 6 vols. Reclam; *História da Filosofia*, de Uberweg, 4 volumes, Berlim, 1906; *Suma Teológica*, 16 vols. Latim/ Francês, 1853 (presente de Chico Mendes); *La Philosophie de la Nature*, de J-Del. de Sales, Paris, 1804, 10 vols. (obtido numa troca com Machado Coelho); os livros de poesia (Pound, Dylan Thomas, Cummings, etc.) que pertenceram a Mário Faustino.

Se tem filhos: eles gostam de ler? Se não tem filhos, parentes?

Os filhos únicos, adotivos, nossos gatos e cachorros, dóceis e inteligentes, não se interessam por essas coisas. Mas os meus primos, que cresceram na mesma casa onde nasci e me criei, gostam de ler; tivemos a mesma professora primária, nossa tia de verdade, e não a postiça das escolas de hoje, e que contribuiu para isso.

Quais os dez livros mais importantes na sua vida?

Prefiro mencionar textos, como livros ou partes de livros que estão estranhados à minha vida pessoal: 1- *Apologia de Sócrates* (Platão); 2 - *El sentimiento trágico de la vida*, de Miguel de Unamuno; 3- *José e seus Irmãos*, de Thomas Mann; 4 - *A Morte de Ivan Ilicht*, de Leon Tolstoi; 5 - Kant, *Crítica da Razão Pura*; 6 - Proust, *La Recherche du Temps Perdu*; 7 - Guimarães Rosa, *Grande Sertão*: *Veredas*;

8 - Os Poemas elegíacos de Carlos Drummond de Andrade (em *A Rosa do Povo* e *Claro Enigma*); 9 - *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector; 10 - *Ser e Tempo*, de Heidegger.

Que livros são essenciais para um leitor?

Teria que escrever um livro sobre os livros como resposta a esta pergunta. Na impossibilidade de fazê-lo agora, apresento-lhe algo simples, não no gênero de Ce qu' il faut lire dans la vie, obra de autor francês que encontrei, quando cursava o ginásio, na biblioteca dos irmãos Viana (Garibaldi, Camilo, Raimundo e Antonio Pedro), por eles herdada do pai, Prof. Josino. O que adiante se vai ler é uma lista com as seguintes especificações e utilidades: a) - sujeita a muitos acréscimos sem que dela possa ser suprimido; b) - vai do séc. VIII a . C. ao início do séc. XX d.c., até por volta de 1903; c) - não serve para o Vestibular; d) - pode denominar-se "o que é preciso ler à margem do ensino universitário enquanto se estuda na Universidade e depois", e) - enumera os livros e autores que podem ser recolhidos numa Arca salvadora, em caso de Dilúvio antilivresco, precipitado pelo eventual e possível agigantamento, como maremoto de certa duração, da onda de estupidez intelectual, estética e ética, que já castiga o País.

Upanishada e Bhagavad-Gita; Ramayena; clássicos chineses, Taote-King inclusive; textos budistas e zenbudistas; Hesiodo, *Teogonia*; Homero, *Ilíada* e *Odisséia*; tragédias gregas & Ésquilo, Sófocles, Eurípedes); Heródoto, História; Tucídides, *A Guerra do Peloponeso*; Obras de Platão, como *Apologia de Sócrates* e Os Diálogos *Banquete, Phedro, Phedrão, A República, O Sofista e Parmênides*; Aristóteles, *Organum*, *Poética, Ética* a Nicômaco; Virgílio, Eneida; Ovídio, *As Metamorfoses*; Horácio, Odes; fontes do estoicismo e do ceptismo (Marco-Aurélio, Epicteto e Sexto-Empírico); *De Rerum Natura*, de Lucrécio; Petrônio, *Satiricon*; Apuleio, *Asno de Ouro*; Luciano de Samosata*, Diálogos*. *Eclesiastes e Cântico dos Cânticos*: *Os Evangelhos* (inclusive os *Apócrifos*); Livros dp Pseudo-Dionísio Aeropagita; *As Confissões*, de Sto. Agostinho; Abelardo, *História de minhas calmidades*; *Tristão* e *Isolda*; *O ciclo do Rei Artur*; Tomás de Aquino, *Suma Teológica*; *I Fioretti*, de São Francisco de Assis; Dante, *A Divina Comédia*; Eckardt, *Sermões; Poesias*, de François Villon; Nicolau de Cusa, *De docta ignorantia*; Boccacio, *Decameron*; Rabelais, *Garantua* e *Pantagruel*; *Les Essais*, de Monteigne; Shakespeare, *Tragédias* e *Comédias*; Camões, *Os Lusíadas* e *Sonetos*; Fernão Mendes Pinto, *As Peregrinações*; São João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*; Cervantes*, Dom Quixote de La Mancha*; Calderon de la Barca, *La Vida es sueño*; Descartes, *Discours de la Méthode* e *Meditações Metafísicas*; Pascal, *Les Pensées*; Spinoza, *Ética*; Molière, *Le Tartuffe*, *Le Medicin malgré lui*, *Le Malade imaginaire*; Racine, *Phédre*, *Esther*, *Andromaque*, *Britanicus*; *La Rochefoucauld*, *Maximes*; *La Bruyère*, *Les Characteres*.

Locke, *Essay concerning the Human Understanding* e *Segundo Tratado sobre o Governo*; Montesquieu, *O Espírito das Leis*; Hume, *Tratado sobre a anatureza humana*; Berkeley, *Diálogo entre Hylas e Filonous*; Leibniz, *Monadologia*; William Blake, *Os Livros proféticos* (principalmente O Casamento o Céu com o Inferno); Rousseau, *Ensaio sobre a origem da desigualdade*, *Les Confessions e Les Revêries d'un promeneur solitaire*; Voltaire, *Contos Filosóficos* (sem esquecer L'Ingenu e Candide); Diderot, *Jacques le Fataliste* e *Suplemento à viagem de Bougainville*; Goethe, *Wilhelm Meister* e o

Fausto (1º e 2º); Schiller, *Poesia ingênua* e *Poesia Sentimental* e as *Cartas sobre a Educação Estética*; Correspondência Schiller/Goethe; Kant, *A Crítica da Razão Pura*, *Filosofia da História do Ponto de vista Cosmopolita* e *Crítica do Juízo*; Richardson, *Tom Jones*; Novalis, *Hinos à Noite*; Holderlin, *Elegias* e *Hinos*; Kleist, *A Marqueza d'O*; Buchner, *Woyzzek e A Morte de Danton*; Heinrich Heine, *Livro das Canções*; *As Mil e Uma Noites*.

Chateaubriand, *Atala e Mèmoires d'Outre-tombe*; Sterne, *Sentimental Journey* e *Tristram Shandy*; *Odes*, de Shelley e Keats; Coleridge, *Biografia Literária*; Leopardi, *Cantos*; Hegel, *A Fenomelogia do Espírito* e *Lições de Estética*; Karl Marx, *O Capital* e *18 Brumario*; Schopenhauer, *O mundo como vontade* e *representação*; Kierkegaard, *Migalhas Filosóficas* e o *Tratado do Desespero*; Balzac, *A Comédia Humana*; Stendhal, *O Vermelho e o Negro* e *Crônica Italianas*; Victor Hugo, *Les Contemplations*, *Notre Dame de Paris*, *Les Misérables*; *Michelet*, *A Revolução Francesa*; Tocqueville, *O Antigo Regime e a Revolução Francesa*; Alexandre Dumas, *Os Três Mosqueteiros*; José de Alencar, *O Guarani*, *Iracema* e *As Minas de Prata*; Almeida Garret, *Viagens na minha Terra*; Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, *História da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*; Dickens, *David Copperfield*, *Pickwick Papers*; Emily Brontè, *O Morro dos Ventos Uivantes*; Charlotte Brontè, *Jane Eyre*, Jane Austen, *Pride and Prejudice*; Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*; Rimbaud, *Les Iluminations*; Verlaine, *Romances sans Paroles*; Mallarmé, *Poesias*; Edgar Allan Poe, *Contos Extraordinários*; Emily Dickson, *Poems*; *Lautréaumont*, *Chants de Maldoror*; Omar Kayyan, *Rubayat*.

Samuel Butler, *The way of all flesh*; Robert Loouis Stevenson, *The Treasure Island;* Thomas Hardy, *Judas o Obscuro*; Flaubert, *L'Education Sentimentale, Trois Contes*; Jules Verne, *Viagem à Lua*; Joseph Conrad, *Nostromo*; Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*; Camilo Castelo Branco, *O Amor de Perdição*; Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, Quincas Borba, *Dom Casmurro*, Joaquim Nabuco, *Minha Formação*; Ruy Barbosa, *Contra o Militarismo*; Euclides da Cunha, *Os Sertões*; Tolstoi, *Guerra e Paz* e *A Morte de Ivan Ilich*; Dostoievski, *Crime e Castigo*, *Os Irmãos Karamazov*, *Os Possessos, O Idiota*; Chekov, *Contos*, *As Três Irmãs*; *Ibsen, Solners, O Construtor*; Strindberg, *O Sonho*; Thoreau, *Walden* e *Desobediência Civil*; Walt Whitmann, *Leaves of Grass*; Kipling, *O Livro da Jangal*; Henry James, *A volta do parafuso*; Mark Tawain, *Huckleberry Finn*; Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, *O Primo Basílio*;

Bergson, *Les Données Immédiates de la conscience*; Nietzsche, *Assim falava Zaratustra*; Husserl, *Investigações Lógicas*; Freud, *Interpretação dos Sonhos*; Proust, *La Recherche du Temps Perdu*; Valéry, *Poesias* e *Variétés*; André Gide, *Os Moedeiros Falsos*; *Le Fils Prodigue*; Gorki, *Minhas Universidades*; Apollinaire, *Alcools e Calligrames*; Eliot, *The Waste Land*; Joyce, *Dubliners*, *Ulisses*; Pound, *The Cantos*; Jorge Guillen, *Cântico*; Rilke, *Elegias de Duino* e *Sonetos* e *Orfeu*; Trakl, *Poemas*; Lorca, *Romancero Gitano*; Fernando Pessoa, *Guardador de Rebanhos*, (Alberto Caeiro), *Odes* (Ricardo Reis), *Grandes Odes* (Àlvaro de Campos); Heidegger, *Ser e Tempo*; Jacob Wassermann, *Processo, América, O Castelo, A Colônia Penitenciária*; H.O. Lawrence, *O Homem que morreu, A Serpente Emplumada*; Virginia Wolf, *As Ondas* e *Orlando*; Hermann Broch, *Os Sonâmbulos*; Musil, *O Homem sem Qualidades*; Oswald de Andrade, *Poesia Paubrasil*; Mário de Andrade, *Macunaíma*; *Poesias* de

Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Manuel Bandeira; Karantzakis, Ascese, Salvatores Dei.

Que livro causou-lhe a maior decepção?

O *Baudelaire*, de Jean-Paul Sartre, que culpa Baudelaire por ter sido Baudelaire.

Dos livros que escreveu, qual o que mais lhe agrada? Qual o menos satisfatório?

O que me agradou, dando-me prazer quando o escrevi, foi *O Tempo na Narrativa*. O menos satisfatório é ainda um dos primeiros, *Introdução à Filosofia da Arte*, que deverá ser revisto e ampliado nos próximos anos.

Que livros sobre a Amazônia devem constar de uma boa biblioteca?

Alexandre Rodrigues Ferreira, *Viagem Filosófica*; Bates, *Um Naturalista no Rio Amazonas*; Gastão Cruls, *A Hiléia Amazônica*; todos os que Eidorfe Moreira escreveu sobre o assunto; Curt Nimuendaju, *Os Apinayé*; Edson Soares Diniz, *Os índios Macuxi de Roraima*; Frederico Barata, *Análise estilística da cerâmica de Santarém*; Armando Mendes, *Viabilidade Econômica da Amazônia* e O Mato e o Mito; Lúcio Flávio Pinto, *Carajás*, o *Ataque ao coração da Amazônia* e *Jari* (as relações entre o Estado e as multinacionais na Amazônia); Vicente Salles, *O Negro no Pará*. Ainda: *O Coronel sangrando*, de Inglês de Sousa; *O Turista Aprendiz,* de Mário de Andrade; *Moronguetá*, de Nunes Pereira; Antônio Brandão de Amorim, *Lendas em Nheengatu em português*; o ciclo ficcional de Dalcídio Jurandir, começando por *Chove nos campos de Cachoeira*; *Batuque*, de Bruno de Menezes. E mais: a poesia de Rui Barata (*Anjo dos Abismos, A Linha Imaginária*); a obra poética de Paulo Plínio Abreu; *O Homem e sua hora*, de Mário Faustino; *Verde vago mundo*, de Banedicto Monteiro; *Galvês* o *Imperador do Acre*, de Márcio Souza; *Cabelos no Coração*, de Haroldo Maranhão; *60/38*, de Max Martins. Lembramos também Luis Bacellar, *Sol de feira*; Elcio Farias, *Romanceiro*; Jorge Tufic, *Poesia reunida*; Paes Loureiro, *Cantares Amazônicos*; Age de Carvalho, *Ror*; Sérgio Wax, *Trinta e três experimentos e uma Suíte*; Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente.*